

TRÊS RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE RICHARD MOVE: REFLEXÕES, FRICÇÕES E QUESTIONAMENTOS

Holly CAVRELL¹

Gabriel TOLGYESI²

Nicolli TORTORELLI³

Resumo:

Este artigo é focado na participação dx⁴ artista Richard Move no “III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos SOFIA: entre conhecer e não conhecer nos processos artísticos e culturais”. Os três autores faziam parte de um grupo responsável pela produção executiva do evento tendo contato próximo com

1 Pós-doutorada na NYU na Gallatin School, Doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp, graduada em Comunicação e Artes do Corpo pela PUCSP. Professora da Unicamp, coreógrafa e diretora do grupo Domínio Público, grupo de pesquisa em Dança Contemporânea.

2 Mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena pela UNICAMP na linha de Poéticas e Linguagens da Cena. Bacharel em Dança e Licenciado em Artes pela mesma. gabrielftolgyesi@gmail.com

3 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, na linha de pesquisa Arte e Contexto. Bacharel (2016) e Licenciada (2018) em Dança pela mesma universidade. Professora de dança em espaços não formais. nicolli.torto@gmail.com

4 Richard Move se identifica com os gêneros masculino e feminino ao mesmo tempo, e na língua inglesa é utilizado para sua designação os pronomes They, Their, Them, pronomes que além de abarcar de forma plural (eles/elas, uma vez que contempla esses dois gêneros aos mesmo tempo), apresenta gênero neutro, o qual a língua portuguesa não possui tradução. Por conta desse dado, Move, ao longo deste relato, terá uma designação plural, por vezes tendo a letra x em substituição das terminações o e a (que indicariam gênero masculino e feminino respectivamente). Em outros momentos do relato, terá o tratamento dado por terminações no gênero feminino ou neutro.

Move antes e durante o Simpósio. Prosseguem os relatos de cada pesquisador.

Palavras Chave: *Performance; Transformação; Experiência*

Abstract:

This article focuses on the participation of Performance artist and filmmaker Richard Move in the "III International Symposium Rethinking Contemporary Myths SOFIA: between knowing and not knowing in artistic and cultural processes". As part of a group responsible for the executive production of the event all three authors were in close contact with Move before and during the Symposium. Individual accounts follow.

Keywords: *Performance; Transformation; Experience*

MEMÓRIA
EXPERIÊNCIA
INVENÇÃO

MEMORY
EXPERIENCE
INVENTION

Relato (Aqui prefiro retirar a palavra relato e colocar apenas meu nome) – Holly Cavrell

Durante o *III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos: Sofia*, organizado e apresentado pelo programa de Pós-Graduação Artes da Cena, x convidadx internacional Richard Move ofereceu um universo diversificado, rico, provocador, informativo e divertido. Esse artista, que identifica seu gênero como sendo de um homem e de uma mulher, evoluiu de sua identificação exclusivamente como artista de dança para também um artista de cinema, mostrando uma seleção provocativa e variada de documentários premiados, que cobrem artistas de vanguarda cujos assuntos são focados nos intransigentes sociais, históricos e culturais que mudaram e desafiaram os temas de performance convencional, bem como locais não tradicionais.

O primeiro dia do Simpósio, intitulado "*Performing on the Screen - The Films of Richard Move*", foi dedicado a três artistas e assuntos totalmente diferentes. Embora cada filme tivesse um conteúdo completamente diferente e focado em temas separados, cada um deles convidava o espectador para contemplar a importância e a marginalização do tópico ou artista examinado. Os três filmes foram: (i) *GIMP - The Documentary (2014) - Dança do Lincoln Center no Festival da*

*Câmera Estreia*⁵ - 15'; (ii) *BloodWork – The Ana Mendieta Story (2010)*, *Directors Guild of America Premiere*⁶- 15'; e (iii) *Homenagem a Allan Kaprow: 'A caminho da não-arte' (Re-Imagined)*⁷ (2010) - *Escrita na Estreia do Festival de Paisagem / Portugal* - 20'. Cada filme ofereceu ideias e intuições diferentes sobre fazer arte a partir de um material temático fora do comum. Move falou ainda sobre as ideias que cercam e acompanham cada filme, sendo habilmente traduzido pela Prof^a. Dr^a. Juliana Moraes. Embora não houvesse legendas em português, as imagens eram pungentes o suficiente para transmitir a essência de cada filme. No caso de Allan Kaprow (terceiro filme), o pai do *Happening*, foram fornecidas mais informações básicas para contextualizar o público tornar a compreensão sobre onde Move desejava levar o espectador mais forte. Como Kaprow afirma no início do filme, através do protagonista Mickey Sanchez, a arte diz respeito a prestar atenção (à vida).

Os filmes do segundo dia, *Martha@21 – Sonic Bodies, Seizures and Spells*, se concentraram no projeto em andamento de Move, com suas performances de *drag queen* como Martha Graham⁸. Uma recriação de uma entrevista como Martha e uma demonstração técnica acompanharam a conversa de Move com uma atriz que interpreta Walter Terry, o crítico de dança que entrevistou Martha no início dos anos 1960. O plano de Move em recriar Martha é completamente um tributo a este ícone de dança e, embora às vezes exista uma forma irônica e satírica de como Move trata a aparência de Martha, nunca há desrespeito em sua representação.

Esses filmes renunciaram a apresentação de Move na semana seguinte, no terminal de ônibus de Barão Geraldo, o que fazia parte do seu plano, de forma que Martha aparece em cenários e circunstâncias comuns, dança um pedaço de um balé conhecido e se mistura com o público comum ou espectador neste local. As danças de Move ilustram a carreira icônica de Graham e a intenção de Move é honrar tanto o corpo de trabalho de Graham quanto a sua contribuição inovadora à arte pelo ponto de vista político do século XX, revelando o que Graham chamou de "*paisagem interior*" do processo criativo do artista.

5 <https://vimeo.com/82745767>

6 <https://vimeo.com/262758697>

7 <https://www.youtube.com/watch?v=icY1UPIE5mY>

8 Martha Graham (1894-1991) Coreógrafa e bailarina foi da segunda geração da dança moderna, inspirando futuras gerações de artistas com seu modo de dançar, com seus trabalhos e com sua técnica de dança.

Todo o material foi desenvolvido por meio de extensos estudos, pesquisas e pelos olhos de Move, afiados nos detalhes. No dia da apresentação *Martha@ terminal Barão Geraldo*, Move solicitou ao público que cantasse alguns slogans políticos e sociais que acentuavam as ações do artista durante a apresentação ao vivo. Move realizou sua própria versão do solo de Graham de 1930, *Lamentation*, baseado na tragédia da Guerra Civil Espanhola, por meio da qual Graham queria expressar os temas universais de luto, mágoa e tristeza. Embora tenha um conteúdo sério, o contexto desenhou uma imagem mais satírica da performance de Move, surpreendendo as pessoas no terminal de ônibus, especialmente quando Move subiu em um ônibus que, felizmente, não saiu do terminal.



Fig. 1: Trecho da performance *Martha@ terminal Barão Geraldo*. Foto: Holly Cavrel.

O terceiro dia da residência de Move, intitulado *Back to the Body*, entrelaçou uma relação de texto, movimento e memória. Trabalhando com a ideia de criar uma frase simples de movimento através do acúmulo de escolhas de movimento, cada membro do grupo criou uma sequência de ações, adicionando separadamente à frase anterior. Além de trabalhar coletivamente, há uma ferramenta organizacional sendo aplicada aqui, à qual o grupo responde através de um processo de composição. Um movimento se liga ao último e, no final, a criação compartilhada se torna uma cadeia de conexões intuitivas mais a força motriz física. Neste dia, o grupo era uma mistura de dançarinos, atores e alguns artistas visuais. Não havia necessidade de treinamento de dança anterior.

A atividade final de Move no evento foi uma apresentação em painel intitulada: *"Dancing Dead and Alive - Embodying Icons in Contemporary Dance"*. Aqui Move explorou o trabalho de vários artistas de dança contemporânea que adotaram temas históricos como inspiração para criar obras. Uma delas, Molissa Fenley, dançou toda a Sagração da Primavera, de Stravinsky, dando ao espectador uma sensação de força e resistência indomáveis. O pulso dinâmico em forma de ritual, o poder e o vigor contínuos da dança de Fenley uniram as referências passadas ao presente através de uma comovente recriação da renomada música dançada por essa artista de dança contemporânea.

O Brasil hoje reverbera questões políticas, econômicas e acerca das discrepâncias sociais. As divergências entre partidos políticos, lutas de classes e questões sociais naturalmente se infiltram na maioria dos aspectos da vida cotidiana, e a arte não é uma exceção. Os temas que ressoaram ao longo de todo o Simpósio derivaram em grande parte desse caldeirão de agitação social e política e clamam por mudanças. Observou-se a dificuldade de um visitante como Move, proveniente de um país de primeiro mundo, em compreender as condições cotidianas com as quais vivemos: o estado precário de equipamentos tecnológicos, as diferenças de classe e um racismo imbuído, além da exclusão social, mesmo em um país com tantas etnias mistas e programas de inclusão.

Tais problemas por vezes tinha que ser explicados ao artista. Por exemplo: quando questões técnicas se tornam desafiadoras, os brasileiros compensam isso com sua criatividade, entusiasmo e humor. Os artistas que hoje trabalham na academia trazem uma perspectiva intelectual, bem como referências transculturais que permitem que pessoas de diferentes países ultrapassem a

barreira do idioma. Esse foi o caso do trabalho de Move desde o início. Os filmes eram uma mistura interessante de assuntos centrados em materiais e artistas que não diziam respeito apenas sobre Richard Move, dando ao público, e em particular ao corpo discente, um ponto de partida interessante e um amplo espaço para discussão. Questões abrangendo pessoas portadoras de deficiência, loucura e arte, feminismo na arte e a *Un-Art* (tradução literal de “não arte”) de Allan Kaprow, são assuntos comumente examinados no nível de pós-graduação e, mais recentemente, também no nível de graduação. Ao final, foi muito gratificante poder testemunhar o universo eclético de Richard Move, que nos aproximou de muitas formas artísticas e acadêmicas que cruzavam o político com o social, tornando o invisível perceptível e pertinente.

A experiência Move – Nicolli Tortorelli

Quando abrimos nossa casa para uma visita, desejamos receber a pessoa da melhor forma, limpamos a casa, organizamos nossos utensílios, procuramos deixar tudo da maneira que entendemos que seria melhor, da maneira como gostaríamos de ser recebidos.

Organizar um simpósio não funciona diferente, estamos abrindo nosso espaço acadêmico, no qual investimos muito de nosso tempo e energia, para trocas de conhecimento e discussões que acreditamos ser importantes e que venham fomentar as pesquisas em nossas áreas, permitindo o encontro entre diversos pesquisadores e aprofundando as discussões por agregar diferentes pontos de vista.

Como participante da equipe de produção do III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos - SOFIA: entre o saber e o não saber nos processos artísticos, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGADC), do Instituto de Artes da Unicamp (a ser referido posteriormente apenas como simpósio SOFIA), temos a responsabilidade de antecipar as necessidades, e arrumar nossa casa, reserva de espaços, equipamentos, prever necessidades técnicas e logísticas e também gestos e cortesias, como disponibilizar água, café, copos de vidro, jarra para água, toalha para mesa, levar e buscar os professores convidados e palestrantes, mostrar também um pouco da cidade.

No simpósio SOFIA tive a experiência de trabalhar junto da professora Holly Cavrell e diversos outros colegas recebendo x professorx Richard Move (professorx na New York University - NYU), e acompanhá-lx durante sua estadia no Brasil.

Foi uma primeira experiência para ambos, nunca tinha recebido uma professorx estrangeirx, e elx nunca tinha estado no Brasil. Ser responsável por compartilhar as necessidades cotidianas, e lidar também com as expectativas da pessoa em relação ao Brasil, suscitaram reflexões e experiências que considero interessantes e importantes de compartilhar.

Brasil como a terra do café.

No primeiro dia que x conheci, deveria levá-lx à universidade, assim que x busquei no hotel veio o pedido, "gostaria de tomar um bom café" (I would like a nice cup of coffee). O que seria bom? Forte? Com opções de diferentes grãos? Com opções como cappuccino, café com leite, mocha. Optei por irmos a uma cafeteria na região, que de alguma maneira abarcasse todas essas opções e ainda fosse um ambiente agradável. Depois de ter traduzido o cardápio e feito o pedido nos sentamos e perguntei por que um bom café. Richard me explicou que em Nova York pagam mais caro quando querem tomar café feito com grãos brasileiros, o café Brasileiro é tido quase como uma opção gourmet.

Contei a elx um pouco da história de São Paulo e como sua economia centrava-se na produção de café. Falei sobre como Campinas, por suas características geológicas, tornou-se uma grande cidade à época e, não fosse uma grande epidemia de febre amarela que dizimou a população, poderia ter sido escolhida para ser capital do estado. Acrescentando também a informação de que fomos a última cidade no Brasil a abolir a escravidão, o que nos levou a uma conversa sobre o próximo item.

Violência no Brasil

Começamos a conversar sobre o que elx tinha ouvido antes de vir para o Brasil como recomendações e descobri que um grande medo x cercava, colegas

recomendaram que não andasse com brincos ou colares, pois seria furtado ao andar na rua e que guardasse bem seu dinheiro e nunca andasse com ele todo, ou com seus documentos originais, pois poderia perder a carteira em um furto. Tentei explicar que sim, os riscos são reais, mas ninguém iria furtar seus brincos no meio da rua, por mais que elx seja o que poderíamos chamar de uma figura visada por ser uma pessoa muito alta e por estarmos chamando uma certa atenção por conversar em outra língua. Outro colega que também estava trabalhando na organização do simpósio em outro momento relatou situações pelas quais já passou, de furtos a violências LGBTQI+. Isso causou um grande espanto em Move, saber que LGBTQI+ tem que ter um maior cuidado para andar em espaços públicos e que são alvo de diversas violências apenas por serem quem são e amarem quem amam. Presenciar tamanho incômodo e espanto de Move frente a essas informações traz a tona o tamanho da barbárie com que a comunidade LGBTQI+ ainda é tratada e como o relato de experiência pode ser chocante e assustador para uma pessoa que vem de um país e cidade onde há uma garantia na liberdade de expressão e segurança pessoal.

A Capoeira

Ao questionar sobre o que Move gostaria de ver ou conhecer durante sua estadia elx logo solicitou poder assistir e registrar uma aula de capoeira. Como umx pesquisadorx e professorx universitárix que ministrava uma disciplina na qual aborda capoeira, queria muito ver como acontecia o ensino da dança/luta aqui no país e como esses corpos se movem e transmitem os conhecimentos. Conseguimos proporcionar essa experiência à artista dentro da própria UNICAMP, com as oficinas que são ministradas gratuitamente para a comunidade, na casa do lago. Como não se tratava de uma atividade do simpósio onde contávamos com tradutores especializados me propus a realizar tradução da aula ou pelo menos de parte dela, o que se provou divertido e desafiador, principalmente ao tentar traduzir ou explicar o conteúdo das letras e canções. Notar as reações de Move e principalmente seu interesse nas imagens e figuras de linguagem usadas pelo professor. Também seu interesse e deslumbramento pelos corpos e pelas acrobacias realizadas pelos alunos mais experientes me fez pensar novamente sobre as maneiras que a cultura brasileira traz intrinsecamente as relações pessoais e sociais, e dentro da capoeira, mesmo não estando mais em um contexto de

escravidão ainda carrega denúncias de grandes injustiças sociais deste período, guarda e desenvolve a potência dos corpos para luta, trabalhando força, agilidade e virtuosidade para realização de movimentos complexos, que podem ser executados por sua beleza estética em uma dança ou como golpes para proteção pessoal.

Move fez diversos registros em fotos e vídeos e em uma rápida conversa com o professor fez perguntas acerca de sua formação como ela acontece, qual o tempo necessário, quais os espaços de validação dessa formação e do significado das diferentes colorações de corda (parte do uniforme dos capoeiristas que vai amarrada na cintura). O professor respondeu com detalhes a ordem das cores e seus significados e sobre o tempo de formação, que impressionou Move por ser extenso, principalmente ao perceber que mesmo com mais de 20 anos de estudo da capoeira o professor ainda não tinha a graduação máxima. Este se apressou a explicar que a capoeira se dá em uma construção conjunta de conhecimento, que acontece justamente na troca. Todos podem trabalhar juntos e aprender de maneira conjunta, existe um respeito ao mestre e aos instrumentistas que de alguma forma regulam o que acontece dentro da roda e dos jogos (pelo menos as de contexto que estávamos vendo).

Água, apenas de garrafa.

A princípio essa demanda me causou muito estranhamento, mas ao questionar Move a respeito dessa escolha, foi esclarecido que tinha receio de algum tipo de microrganismo, inofensivo a nós brasileiros, mas estranho a seu corpo, o que poderia causar algum tipo de mal estar. Essa escolha simples muitas vezes causou uma necessidade logística de obtenção de água que adicionou uma certa complexidade as já muitas outras necessidades de produção do evento.

Receber um convidado, entender seus tempos, suas necessidades e suas preferências, é um trabalho que exige paciência e muita disponibilidade, principalmente para alterações de planos. Apresentar a cidade ao convidado, acolhendo seus desejos e abarcando também do que você anfitrião acredita ser bonito e imperdível foi complexo, principalmente por essa não ser uma atividade de dedicação exclusiva, então engajar essas atividades as atividades profissionais usuais foi difícil. Se deparar também com o descontentamento do visitante, e principalmente compreender que certas reações não são rudes e sim diferenças

culturais frutos de sua experiência ou modo de ser permitiu reflexão sobre a cultura na qual estou inserida, servindo como espelho e me permitindo olhar para algo que vou chamar de docilidade e busca por contemplação do desejo do outro que me pergunto se é traço pessoal ou fruto de uma construção social na qual estou inserida que regeu minhas ações com este visitante. Assim como notar a presença das marcas do processo de escravidão e da violência para com certas minorias (aqui me referindo mais especificamente aos LGBTQI+). Dessa maneira as discussões sobre estes temas fazem parte do cotidiano, e denunciam as marcas e necessidades a serem alcançadas de segurança, respeito e qualidade de vida.

Residências oferecidas por Move.

Richard Move ofereceu três dias de residência, cada uma com um título diferente, fazendo como uma vitrine das diferentes vertentes de seu trabalho. Durante o primeiro dia intitulado: *Performing on the screen* (Performando na tela), a proximidade com a realidade do feminicídio e a profundidade da discussão do documentário "GIMP", que fala do processo artístico/criativo de pessoas com deficiência física construiu aproximações e gerou discussões entre a experiência dx palestrante e o público, a partir de referências similares e realidades sociais distintas.

Já em no segundo dia intitulado *Presentation Martha@21* o público se mostrou mais questionador sobre os padrões de corpo e a discussão de raça veio com grande peso, as explicações de Richard sobre as atitudes de Graham responderam às perguntas mas pareceram não contemplar completamente a plateia, que insistia na discussão por diferentes vieses.

Durante o terceiro dia na vivência da proposição prática intitulada *Back to the body* (De volta ao corpo) foi notável como os corpos e as experiências físicas não são completamente dependentes da linguagem verbal e a experiência física, viva no corpo, pode por vezes significar mais do que discursos. Todo o workshop foi organizado, como notei posteriormente, de maneira a ser fruído muito bem mesmo sem o domínio de uma língua comum. Richard também comentou como o surpreendeu a disponibilidade dos corpos em organizar experiências e performar.

Fazer parte de uma equipe

Estar dentro de uma equipe faz com que você tenha respaldo, companhia, parceria e possibilita as trocas. Na experiência deste simpósio a disponibilidade de todos os integrantes da equipe de produção na qual estava inserida perante imprevistos e rearranjo de tarefas permitiu com que o evento e as as dificuldades fossem superadas de maneira ágil e suave, acredito que em grande parte pelo compartilhamento horizontal de informações e disponibilidade pessoal de todos. Trabalhar com a professora Holly Cavrell permite essas relações extremamente horizontais sem que se perca o profissionalismo ou a qualidade. Acredito que isso demande mais de sua energia, estar sempre disponível aos alunos e a ouvi-los, suas ideias, a abrir agenda, checar as disponibilidades e fazer acontecer, respeitando as limitações e as facilidades de cada indivíduo com quem se está trabalhando é um grande diferencial para o sucesso do trabalho. Tempo e presença física são essenciais para que esses alinhamentos aconteçam e que depois, mesmo com ausências ou imprevistos, tudo se reorganize de maneira suave. Ter colegas dispostos com quem você pode contar, objetivos comuns e uma líder clara, presente e acessível se mostrou imprescindível para efetivação de todo evento.

Relato das reverberações e resquícios de uma vivência junto a Richard Move - Gabriel Tolgyesi

Entre os dias 21 e 23, Richard Move compartilhou um pouco de seus trabalhos por meio de: uma palestra sobre seus documentários, uma palestra sobre seu trabalho de *drag queen* como Martha Graham, e uma oficina prática de processos criativos. Entre os dias 27 e 30, Move participou de mesas e debates, além de realizar uma performance, e apresentou exemplos de artistas contemporâneos que revivem coreógrafos e/ou coreografias, reinterpretando-as, reinventando-as, repensando-as. O seguinte relato apresenta aspectos que seguem em reverberação e memórias a partir do que fora vivenciado durante o evento.

Sobre os documentários.

Richard Move, por meio de seus documentários “Bloodwork” e “Gimp” repensa, reimagina e reinterpreta, no primeiro a obra de Ana Mandieta, e, no segundo, a utilização de uma palavra pejorativa como modo de empoderamento de um grupo de pessoas com deficiência. Ou seja, em “Gimp”, é apresentado um grupo de dança de pessoas deficientes que se apropriam da palavra *gimp* (que significa algo como aleijado), e ao se apropriarem da palavra, utilizam-na de um modo não pejorativo – algo que vem sendo feito por grupos que sofrem algum tipo de preconceito, tal como homossexuais que se apropriam da palavra ‘viado’, ressignificando seu uso dentro da comunidade LGBTQIA+. Uma forte memória sobre o vídeo “Gimp”: uma das pessoas do vídeo tinha uma hipermobilidade das articulações, mas com uma regeneração deficitária, ou seja, a pessoa precisava utilizar faixas terapêuticas de fisioterapia para contenção das partes do corpo, e a escolha dos movimentos de dança que realizava era feita com cautela.

Sobre “Bloodwork”, Move, em conjunto com uma bailarina, recriou alguns trabalhos de Ana Mandieta, dos quais poucos registros restaram, e que estão sob a propriedade do companheiro viúvo de Mandieta. Os trabalhos falavam sobre abusos sofridos por mulheres, corpos femininos reimaginados sob perspectivas da violência que porventura sofreram, por vezes como rastros (resquícios ou marcas deixadas pelos corpos no espaço), ou camuflados, ou ensanguentados e abusados numa literalidade de sua recriação. Noutro trabalho, uma silhueta feminina é colocada em chamas, como em fogos de artifício. Noutra, um buraco em forma de mulher, à beira-mar, com pó rosa, deixa a maré entrar, e a água do mar espalha a cor rosa, e faz desaparecer aos poucos esse vestígio do que seria identificado como sendo um corpo feminino. Algo trágico é mostrado ao fim do documentário, no qual é apresentada a história da morte de Ana Mandieta: diz-se que ela se suicidou ao se lançar de seu apartamento. Ela tinha muitas brigas com seu marido, também artista, e, pelo documentário, é levantada (repensada) a possibilidade de, na realidade, seu parceiro a ter atirado pela janela. O fato é que o viúvo mantém os direitos sobre os trabalhos de Mandieta e reprovou, não colaborou, para a elaboração desse documentário-memória dos trabalhos de Ana Mandieta.

Dados interessantes sobre a exibição do documentário, acompanhados da fala de Richard Move, dizem respeito ao processo de recriação das performances de Mandieta, bem como o processo de captação de tais performances. A discussão sobre os meios em que um trabalho é feito fora também levantado. Enquanto

recriação da performance há uma série de qualidades abordadas, que diferem sobre as qualidades que devem ser utilizadas para recriação de uma performance *para o vídeo*. O tipo de câmera a ser usada, as lentes, os ângulos de captação, a edição, tudo influencia no modo como é vista. Dado que o resultado final é um documentário, o entrecruzamento de informações (falas) sobre Ana Mandieta e os trechos das performances relidas geram qualidades e significados próprios do documentário em si.

Sobre Martha Graham.

Richard Move apresentou um pouco de seu trabalho que trouxe reconhecimento para sua figura enquanto artista da cena: desde 1996 (1998?), move incorpora uma personagem *drag queen* de Martha Graham. Essa fora uma das construtoras da Dança Moderna, e um dos principais nomes da dança norte-americana. Martha Graham foi aluna de Ruth Saint-Denis e de Ted Shawn, mas desenvolveu um estilo e estética próprias, acompanhada do desenvolvimento de sua própria técnica de dança, reconhecida nos meios acadêmicos de dança por suas contrações e relaxamentos.

Martha Graham era uma personalidade que tinha suas peculiaridades – assim como as diversas personalidades nas variadas áreas do conhecimento. Move, por meio de sua personagem Drag Queen, ao imitar Graham, exacerba tais peculiaridades e coloca um imaginário sobre Martha Graham em situações inusitadas, sob perspectivas absurdas que brincam no limiar do que seria possível, de uma realidade paralela, e do que é absurdo, de uma situação pela qual possivelmente Graham não vivenciaria. A essas cenas absurdas, pensando-se em Martha Graham, gera-se um tom cômico. A comicidade é um ponto interessante para a reflexão e para a crítica – exige uma complexidade sobre a construção e interpretação do que é dito, do que é iminente, do que é potência, e do que é recebido. Move consegue, por meio de seu trabalho artístico de *drag queen* de Graham, brincar com os tons do que seria uma ironia/ sátira, e do que seria uma homenagem. Esse tensionamento entre exaltação e escárnio proporcionam um interesse único para aqueles que conectam a leitura da performance à figura de Martha Graham. A leitura do trabalho possivelmente assume outras características àqueles que desconhecem a figura histórica de Graham.

Por meio de seu trabalho Martha@, Move recria danças de Graham, e utiliza livremente o vocabulário da técnica nas situações inusitadas, conforme descrito acima. Durante as palestras dos primeiros dias do evento, nos foi apresentado um teaser de Martha@ em um museu, no qual Martha Graham passava por um período de 8h no mesmo, interagindo com o acervo e com as diversas situações proporcionadas pelo espaço, no que se refere à sua arquitetura, ao trânsito de pessoas, aos elementos de sua infraestrutura entre outros. Além dos vocabulários provenientes da Técnica Graham, Move utiliza-se de caminhadas e pausas específicas. O vídeo mostra uma dialogia em fluxo constante dos pensamentos da drag queen e das possibilidades de interação/relação proporcionadas pela situação.



Fig. 2: Registro do final do workshop prático com Richard Move. Foto de autor desconhecido.

Na segunda semana de evento, pudemos ver ao vivo Martha@: fora realizada a performance Martha@ Terminal Barão Geraldo, no qual a personagem Martha Graham desenvolveu o solo "Lamentation", um dos quais tornou Martha

Graham reconhecida mundialmente, e, logo após, interagiu livremente, a partir do vocabulário Graham, com as situações do terminal (entre arquitetura, espaço social, infra-estrutura, transeuntes, outros). Martha, de um modo cômico, por meio dos trejeitos da técnica Graham, cumprimentou pessoas, entrou num ônibus prestes a sair, pediu para o ônibus parar, correu por um posto de gasolina. Para as pessoas que frequentavam regularmente o terminal de ônibus houve (talvez) um não entendimento do que se tratava aquilo. Não pelo não conhecimento sobre Graham (algo que é reconhecido apenas de modo especializado). A situação de não entendimento possivelmente é gerada no contexto em que um grupo de universitários, dadas suas roupas, postura, crachás do evento, aglomeração inusitada, vai ao terminal de Barão Geraldo, e de modo massivo observa a performance. Um não diálogo direto, literal, com a comunidade, sequer explicitando o evento, pode ter criado uma quarta parede ao redor de Move enquanto Graham. A relevância e importância do feito talvez fique assim pouco qualificada ou justificada. Questões para se pensar: como realizar uma performance num espaço público, em que há divulgação restrita, sem que o público especializado se torne uma performance? Como tornar os transeuntes, ou público não especializado, parte da performance?

Sobre a oficina de criação.

Aspectos interessantes foram trabalhados em sua oficina de criação, aspectos que dialogam com os estudos de Move sobre perspectivas de edição e vídeo. Foram ferramentas de criação que eram como colagens: após um aquecimento corporal conduzido por Move, com movimentação de diferentes articulações do corpo de modo organizado, o mesmo conduziu um exercício em que cada pessoa executava um movimento de dança de curta duração, e todo o grupo deveria repetir o movimento até que fosse apreendido por todos. Após isso, uma segunda pessoa, próxima a quem investiu o primeiro movimento, deveria propor um novo movimento, repetido e apreendido por todos. Assim, sucessivamente, até que Move sinalizou o fim da sequência. A partir desta, ferramentas de edição coreográfica eram disponibilizadas por Move para que, de modo autônomo, cada pessoa do grupo editasse a sequência criada coletivamente. Poderíamos realizar em algum momento dessa sequência um giro, um salto e uma queda. Poderíamos modificar a dinâmica do movimento, sua velocidade, sua densidade. Deveríamos decorar

uma manchete ou anúncio de jornal em papel, e encontrar modos de declamar esse texto em meio à sequência. Poderíamos repetir algum movimento. Enfim, ferramentas que, de algum modo, quem realiza algum tipo de formação acadêmica em Dança é apresentado, mas sob uma perspectiva de alguém que trabalha na soma de saberes, fazeres e seres. Richard Move é masculino e feminino, é they, é artista da dança, da performance, do vídeo, é Graham e é Move, e quiçá outrxs mais.

Ser Anjo

Uma das minhas funções enquanto parte da equipe de produção do simpósio era a de auxiliar Richard Move no que fosse necessário. Acabei por tomar parte especialmente no que diz respeito às suas necessidades técnicas durante as apresentações (exibição de vídeos). Por vezes almoçamos e/ou jantamos. Nesses momentos tivemos conversas e trocas que diziam respeito ao ser e estar na presença, em diálogo. Eu tinha curiosidades sobre seu percurso artístico, de vida, de aspectos da cultura norte-americana, ao mesmo tempo que tinha interesse em falar sobre coisas que faziam parte do meu contexto, coisas que habitualmente queremos apresentar a pessoas estrangeiras por, de algum modo, termos descoberto que eram coisas únicas perante outras culturas (por exemplo, pão de queijo, guaraná, açaí). Enfim, eram conversas e diálogos de reconhecimento em si e no outro que, de modo genuíno e desprezioso, tornavam frutíferas as conversas e trocas, de modo dialógico e fugaz.

No primeiro dia de encontro com Move, junto de dois colegas da pós-graduação que também trabalhavam no simpósio, fomos ao parque do Taquaral. Mostramos as capivaras, o parque. Foi um passeio curto, seguido de um almoço de comida baiana. Foi curioso perceber que as traduções não acompanham as construções de pensamento, que as palavras não condensam tão profundamente os sentidos na fluidez com que as linguagens se desenvolvem/desenrolam. Como traduzir pão de queijo? E nomes próprios? Nos pegamos, enquanto anjos (equipe de produção), muitas vezes sem saber como tratar Move em português: seria *ele*? Seria *ela*? Seria *Richard* apenas, sem pronomes? Em português, parecia não ter se tornado para Richard uma questão, talvez pelo desconhecimento de nossa angústia de querer dar a melhor recepção possível. A questão estava mais em nós,

pois gostaríamos de tratar Move tal qual ele demandava na língua inglesa. *They*, Richard Move, na terceira pessoa do plural, em gênero neutro, e múltiplo. Como dizer em português? E nesse momento, como escrever em português? A partir disso, observo que a violência das escolhas não reside necessariamente numa violência bruta, mas por vezes numa falta de escolhas, ou num cuidado excessivo, ou num cuidado desleixado. Às vezes, enquanto anjo, privar as angústias próprias com relação à língua ou ao país, aos modos de tratamento numa tradução, foram uma forma, diante de uma passagem curta, de se privar angústias/receios/medos a serem gerados em Move. O privar, nesse caso, foi quase como um lidar de modo ignorante (de ignorar) com o caos de informações novas de alguém que atravessa um contexto diferente do próprio. Sigo sobre esse ponto me questionando sobre possíveis situações futuras similares: Como lidar? Privar? Expor? Dialogar mais? Tradução demanda necessariamente conclusão?